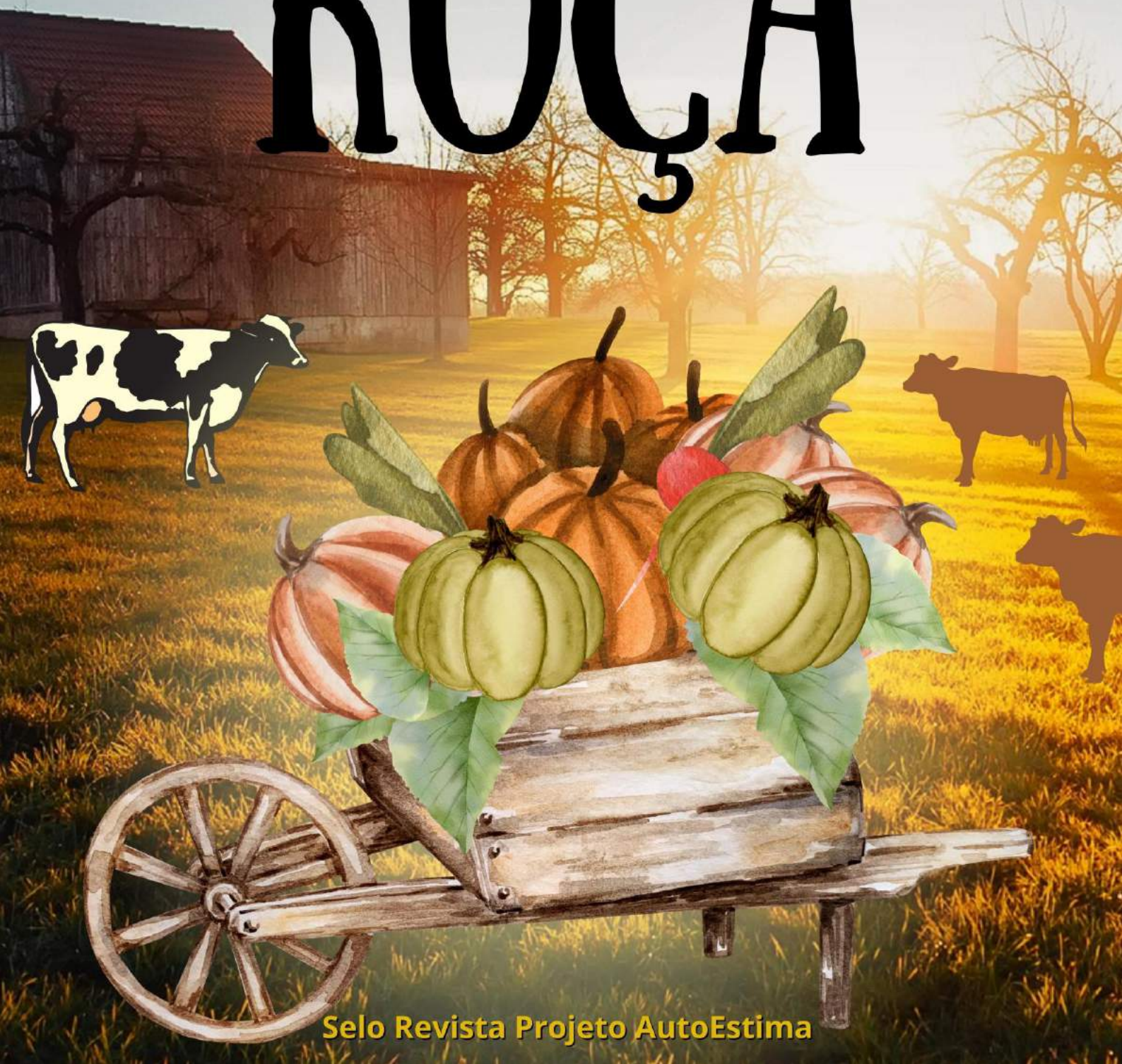


ELENIR ALVES
organizadora

Coisas da POEMAS - CONTOS - CRÔNICAS ROÇA



Selo Revista Projeto AutoEstima

ORGANIZADORA

ELENIR ALVES

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Elenir Alves

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Projeto AutoEstima

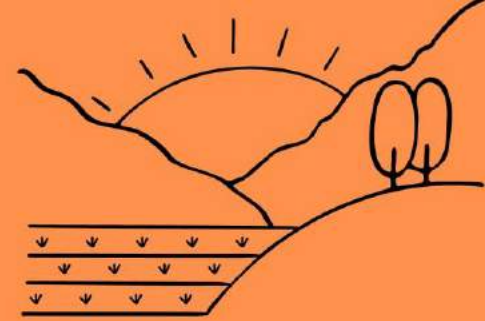
ISBN: 978-65-00-51546-6

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO



CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO
POEMA, CONTO OU CRÔNICA

Canções inesquecíveis, por Ana Beatriz Carvalho, pág. 05

Mesa farta de comidas e guloseimas, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 08

Do Palácio ao Filadélfia: um filme para a nossa memória, por Breno Santos, pág. 10

Por detrás dos balcões: estórias, por Breno Santos, pág. 14

A criança, a vida e a morte, por Fábio Carmagnani Sandes, pág. 17

Memórias póstumas de dois sorrisos, por Fábio Carmagnani Sandes, pág. 19

Não chore por mim, por Fábio Carmagnani Sandes, pág. 22

Relatos de uma infância!, por Fernanda Gama, pág. 25

Soneto da roça, por Henrique Cananosque Neto, pág. 27

Compota, por Márcio Daniel Nicodemos Ramos, pág. 29

Ipê amarelo!, por Mestre das letras, pág. 31

Nascimento lá na roça, por Ianarema Coutinho Oliveira, pág. 34

Passarinhar, por Ronilson de Sousa Lopes, pág. 38

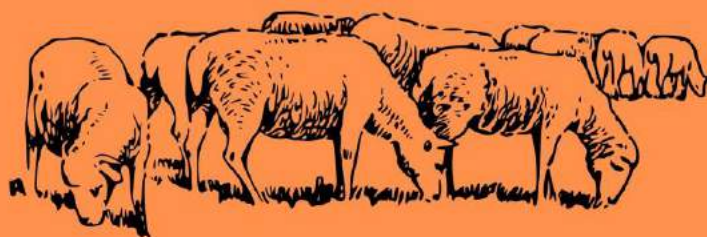
Vai ver quem vem, por Ronilson de Sousa Lopes, pág. 41

Vaqueiros, por Ronilson de Sousa Lopes, pág. 44

Simplicidade, por Wanda Rop, pág. 47

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, pág 49

Organização, capa e diagramação: Elenir Alves - Elenir@cranik.com

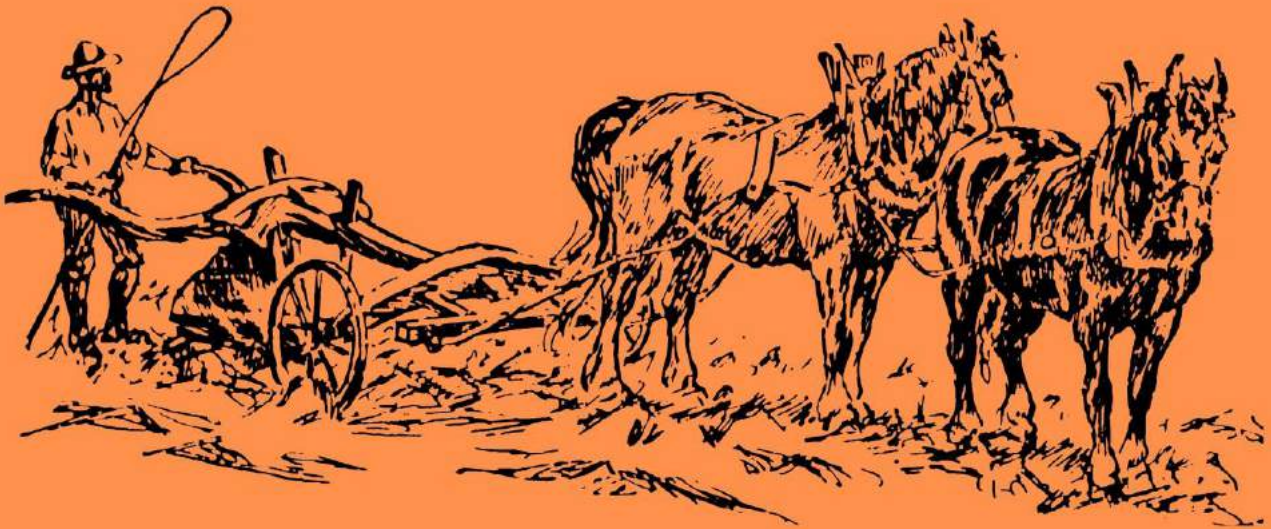


ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM



“O sertanejo se alegra, com a chuva no sertão. Madruga logo cedinho, levando consigo seu gibão. Vai pra roça, no sustento de seu pão.”

– Wilamy Carneiro (Poeta e escritor)

APRESENTAMOS O CONTO

CANÇÕES INESQUECÍVEIS

Por Ana Beatriz Silva Carvalho

Escritora brasileira. Educadora com especialização em Direitos Humanos e mestrado em Políticas Públicas. Associada titular da Casa de Sonhos. Sua produção literária reúne contos, sonetos, poesias e prosas poéticas. Vários de seus trabalhos foram selecionados para Antologias e Coletâneas. Membro do Clube do Contista (Helena Sylvestre) e aluna do curso A Arte da Escrita (Eny Souza). Autora do livro *Contos de uma Mulher Feliz: viver para crer que tudo é bom, belo e necessário*.



No interior do automóvel, naquele domingo ensolarado, seguia serena para a chácara que tanto amava. No caminho, enquanto contemplava a paisagem, cantarolava as suas memórias de uma vida bem vivida.

No banco traseiro do carro, a veneranda senhora dedicava atenta o seu pensamento à sua própria história afetiva. Eram o seu coração generoso e a sua mente saudosa que lhe conduziam absorta por aquele trajeto. Com uma audição límpida ouvia do fundo da alma todas as inesquecíveis canções que lhe acompanharam ao longo da vida. E agradecia. Trajetória longa... com muitos enredos para contar e cantar. Completara naquele ano 84 anos de idade.

A certa altura da digressão, descansou os sentimentos na sua infância e sorriu. Lembrou-se de que os seus dias de criança no engenho haviam sido muito felizes. Brincava com os irmãos e cantava. Cantava sempre. Espontaneamente ou a pedido do pai. Rememorou a atividade lúdica promovida pelo genitor na qual ganhava um tostão quem melhor cantasse. Ela ganhava sempre: o dinheiro, a fama crescente de ilustre cantora e o reconhecimento unânime de ter a voz mais bela da família.

Teve a certeza, naquele momento, que o melhor troféu daquela diversão fora o amor à música, à melodia, à harmonia, à cantiga, às modinhas, às marchinhas de carnaval. Cresceu encantada com os seus benéficos efeitos no seu ânimo e aprendeu a cantar a vida.

A viagem seguia no mesmo compasso que lhe emergiam reminiscências. Fez uma pausa na adolescência. Lembrou-se da mudança de cidade, da dedicação da irmã mais velha aos estudos dos demais irmãos na nova moradia, do jovem sério e comprometido que lhe bateu à porta do coração, e cantou canções de amor...

Em seguida, recordou-se das cantigas de ninar (embalando os seis filhos), dos hinos das missas, dos sucessos que em diversas épocas animavam as rádios, das serenatas, da sua coleção de discos de vinil. Suspirou... Quantas lembranças, quantas canções inesquecíveis!

Cada etapa de sua vida era uma canção harmoniosa e feliz.

Ao chegar ao seu destino, observou admirada as diversas árvores frutíferas, a profusão de flores coloridas e aromáticas, a vastidão dos gramados que abrigou inúmeras experiências felizes e cantou... Cantou para a natureza, cantou como passarinho.

Depois de passear pela mata, apreciar a beleza do céu e louvar o manto verde que cobria a terra, souou a hora de retornar a casa. Saudosa, seguiu para o seu lar e mesmo ali sentia a brisa mansa das incursões no passado. Acomodou-se confortavelmente, deixou o olhar vagar pelo horizonte que se abria desde a janela e, mais uma vez, cantou... Cantou para si e para os outros. Enaltecida pela experiência que conjugava música e memórias, soube de saber seguro que cantar elevava a sua alma. E na surpresa da descoberta, vibrou emocionada, como se ela mesma fosse música.

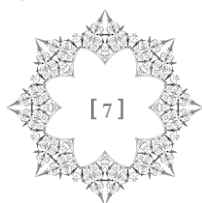
Determinada, resolveu cantar mais e melhor desde aquela feliz revelação. Decidiu, então, se associar à distinta musicoterapeuta para orientar o dom que já lhe era constitutivo. Juntas, as duas mulheres passaram a celebrar a vida em divertidas aulas de canto. Às terças-feiras, ocasião em que se reuniam em torno da música e do canto, a alegria imperava. Tamanho era o deleite que os encontros semanais se tornaram circunstância excelente de convergência entre o passado, o presente e o futuro da senhora bem-aventurada.

As canções inesquecíveis se multiplicaram. Vozes somaram-se à sua.

Agora, ela cantava para a vida, agradecendo-lhe enternecida.

De todas as canções que desde então ecoavam nas aulas, as suas prediletas eram aquelas que evocavam as noites de cantoria singela entre os irmãos, sob o patrocínio amoroso do pai, naquele distante pedacinho de terra situado na sua Paraíba. Decerto que eram canções simbólicas com o poder de conectar intimamente a sua atualidade com o que foi e com o que virá a ser, num fluxo rítmico do sempre.

Inesquecível a travessia de sua longa e bela vida, assim como inesquecíveis as canções que a acompanharam. Inspiração mútua. Uma vida musical e canções vitais. Com efeito, a mais bela música que ouviu, sentiu e cantou foi a sua própria vida. Por ela cantou a sua história e se elevou em profundas emoções.

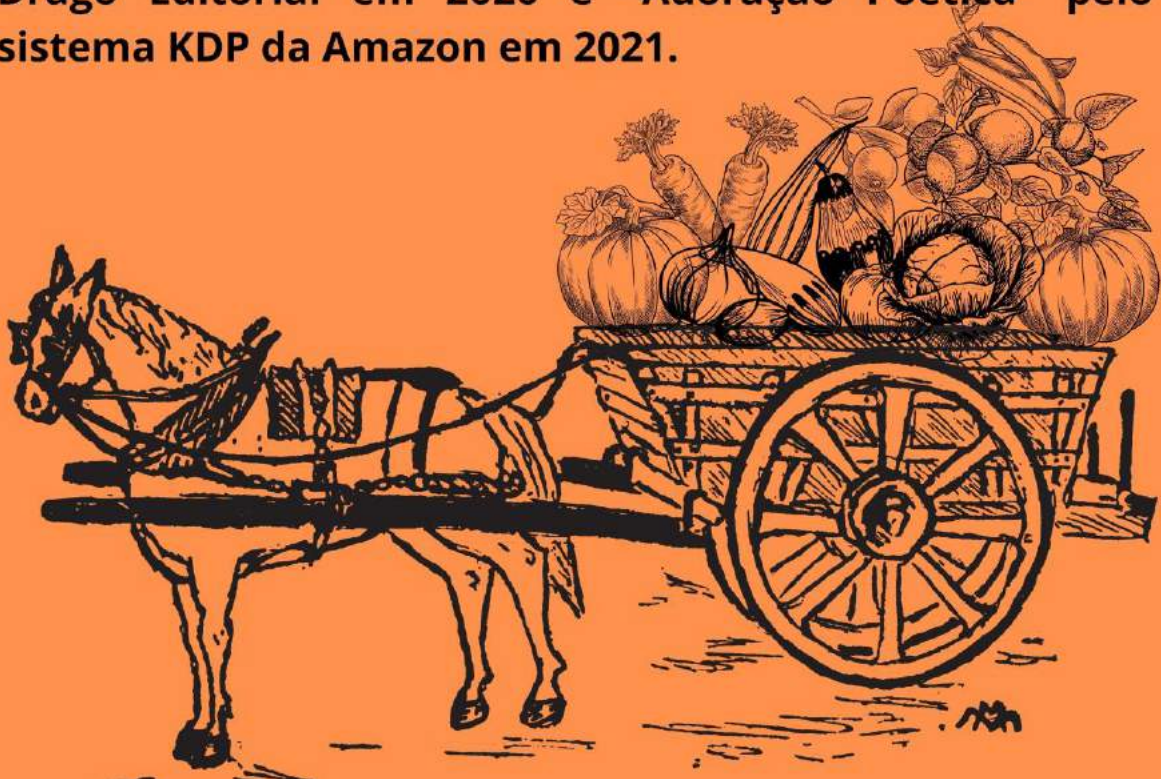


APRESENTAMOS O POEMA

MESA FARTA DE COMIDAS E GULOSEIMAS...

Por André Luiz Martins de Almeida

Nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro. Mora em Queimados desde a infância, mas já morou em outro Estado como Rio grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros e se inscreveu no Varal de literatura na E.E.Dom Bosco em 1986, com seu primeiro poema e recebendo um certificado de participação, em 1987 passou a escrever continuamente. Militar desde 1988, atualmente está na reserva da MB e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Publicou primeiro livro "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" em 2019 e "Antologia Poética - Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e "Adoração Poética" pelo sistema KDP da Amazon em 2021.

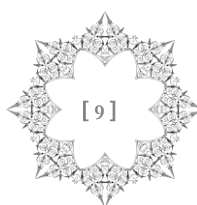


Temos o privilégio de mesa farta de comidas.
O campo é a roça, com guloseimas e suas bebidas,
Variedades de coisas típicas e colheitas, a ti convidadas,
Para presenciar coisas da roça vividas.

A roça tem mesa farta de comidas e guloseimas....
Confecção simples de receitas caseiras
Em fogão à lenha e reuniões em redor de fogueiras.

São coisas da roça, fartura de legumes e fruteiras.
Campos, bosques, cidade pequena cheia de quituteiras.
Os frutos da terra da roça, alimentam a cidades inteiras.

É coisa da roça mesa farta sempre, como uma tradição!
Deixe sua cidade um pouquinho e faça uma expedição.
Conheça o campo e a roça, que trabalha com dedicação
E veja, com seus próprios olhos esta indicação!



APRESENTAMOS A CRÔNICA

DO PALÁCIO AO FILADÉLFIA: UM FILME PARA A NOSSA MEMÓRIA

Por Breno Santos

É de Carlos Chagas no Vale do Mucuri, participou dos movimentos culturais da cidade, foi músico e diretor da Lira Macionilio Rodrigues, se graduou em Administração e trabalha com desenvolvimento rural, assessora organizações da agricultura familiar, seus empreendimentos e negócios, principalmente na comercialização, comunicação e marketing. É um agricultor cumprindo outro papel. Gosta de relatar suas memórias e o cotidiano da vida, de pessoas comuns e de realidades que fazem a vida pulsar.



Pássaro preto me responde

Tudo já ficou atrás?”

(Velha Roupas Coloridas, Belchior).

Mesmo Lampeão e seu bando, para um descanso da vida de aventuras, faroeste, ação e terror, deram uma parada para uma sessão de cinema: “Apague as luz, aqui eu quero ver a fita”, ordenou o Capitão. O filme era “Anjo das Ruas” de 1928. Até hoje estão lá o projetor, o prédio e as histórias circulando pelas ruas de Capela — SE. Depois fizeram o papel de si mesmos no “Baile Perfumado” pelas lentes de Benjamin Abrahão - arriscou a vida pela 7ª arte.

Fui barrado por duas vezes no Cine Palácio: uma pela camiseta e a outra pela bermuda. Muitos outros foram também. Não tenho mais esse direito. Não conheço outro cinema que tenha ou tivesse um jardim à sua frente. Integrava-se com a Praça Tiradentes e ficava de frente à fonte luminosa. Ponto de encontro dos de fora que vinham tentar a vida na capital do Jequi e do Mucuri. Muitos filmes, formatura, Forrest Gump e Lista de Schindler... Eram três cines em Teófilo Otoni: lá em cima, na mesma rua, em frente à praça da Cemig, o Metrôpoles, onde assisti ao lançamento do “Terra Boa” de Pereira da Viola. Naquele tempo “Carluchaga” era tão longe de “Tioflotoni”! Saudades. E logo abaixo da Tiradentes, o Vitória, onde fui para ouvir “Uma História Brasileira...” de Paulinho Pedra Azul, que tinha inclusive uma música em homenagem ao cinema — Cine Izabel —: “Cheiro de papel de bala, drops, hortelã”. Fui com meu irmão Léo e com os colegas de trabalho do banco Bemge, onde trabalhava. Tenho os dois vinis. Autografados

Fomos em fileiras do Grupo Manoel Esteves (— Tá pensando que sou menino de grupo?) até o Cine Filadélfia, ali no centro de Carlos Chagas. Assisti ao meu primeiro filme: “Branca de Neve e os Sete Anões”. O primeiro a gente nunca esquece. Depois vieram outros: Fugam Sartana Chegou; Bruce Lee — O Voo do Dragão, Shaolin – O Terremoto Chinês, Mazzaropi...

Mas ali já fazendo as malas da infância para próxima fase, os meninos já estavam enjoados de faroeste, kung fu e matinês. Queriam filmes mais quentes, aqueles proibidos para menores de 18 anos. Um amigo meu de escola ensinava: — compra o ingresso, estica o pescoço, encara Tãozinho e vai passando.

— De maior?

— Sim, de maior.

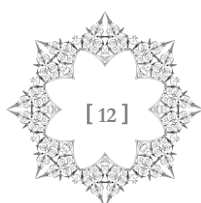
Claro que ele sabia. Mas era uma questão de atitude e não de idade.

Bom. Tem uma estória que um conhecido de Teófilo Otoni me soltou sobre um colega, quando trabalhavam juntos em Carlos Chagas. Circulava o tal amigo, pela boca da noite, na rota da casa, Matriz de São Sebastião, sorveteria Pinguim, bar Xodó até o Cine Filadélfia. Ali vendo a programação da semana, seus olhos alcançaram e se fixaram nos cartazes daqueles proibidos para menores de 18. Ali. Mão no bolso. Coisa e tal e tal e coisa, o adormecido despertou. Como um beijo mágico, aquele príncipe acordara. Tempos que ele e a esposa não faziam juntos uma sessão — nem de proibidos, nem de permitidos, nem matinê, nem nada. A oportunidade chegou. Neste acontecimento, logo já roteirizou as próximas cenas. Agora era “ uma questão de manter a espinha ereta” conforme a receita de Walter Franco. Nada mais existia, só a rota de casa. E ele rumou vai e vai, vai e vai, tateando, ajeitando, acariciando, coisando... Chegou. Mostrou. — a hora é agora. Ela embarcou. Porta abre, porta fecha.

Ação, aventura, romance, matinê e proibido pra de menor em uma só sessão.

“Pássaro preto, me responde

O passado nunca mais?”



APRESENTAMOS A CRÔNICA

POR DETRÁS DOS BALCÕES: ESTÓRIAS

Por Breno Santos

É de Carlos Chagas no Vale do Mucuri, participou dos movimentos culturais da cidade, foi músico e diretor da Lira Macionilio Rodrigues, se graduou em Administração e trabalha com desenvolvimento rural, assessora organizações da agricultura familiar, seus empreendimentos e negócios, principalmente na comercialização, comunicação e marketing. É um agricultor cumprindo outro papel. Gosta de relatar suas memórias e o cotidiano da vida, de pessoas comuns e de realidades que fazem a vida pulsar.



“Nessa venda tem de tudo/de paçoquinha a Hollywood / bomba de matar mosquito/ tem peneira, furadeira, tem esteira, tem palito/ comprimido pra tonteira, bola, camisa e apito/ e um espelho pro caboclo se achar bonito”. (Venda do Seu Lidirico — Milton Edilberto)

Conheci geladeira pela primeira vez na venda de Seu Deca. Ou Deca, Decão, Baiano. O nome do batistério, um ou outro sabia — só mesmo os mais de casa. Era uma geladeira a gás. E aquilo era uma novidade. Além das balinhas (que eram o puro açúcar), suspiro, Maria-mole. Provei pela primeira vez refrigerante. Não foi uma Coca Cola, detestei o amargo da Água Tônica de Quinino. Depois, mais à frente, conheci a ressaca, aí a Água Tônica de Quinino adquiriu novo sabor e novo sentido. Claro, além de mantimentos de casa, tinha querosene, fumo de rolo e desfiado, temperada de losna, de imburana e outras infusões — que eram puro remédio e sabor — e não faltavam Marialva e a famosa Francisco Sá — da amarela e da branquinha — feita de cana caiana.

Vendeiro é certamente um dos ofícios mais primeiros da história, presente nas páginas da mais nobre literatura: “contou o vendeiro a todos, que na venda estavam,... a vela das armas, e a cerimônia que se preparava para lhas vestir” (Cervantes, em D. Quixote); No Grande Sertão, de Rosa, fornecendo mantimentos à jagunçada: “... tinha uma venda de roça... Diadorim mandou comprar um quilo grande de sabão de coco de macaúba, para se lavar corpo”.

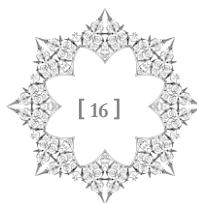
A rua, a beira de estrada, a encruzilhada, o balcão, as partilheiras, a caderneta, o freguês, a dose, a quarta... Uma prosa. Do lado de lá Seu Antônio Lopes, Seu Zé de Nelson, Seu Deca, Seu Lidirico, Arquilino, Orlando... Ora costumeiro, ora, e quase sempre, incomum: sistemático e ensimesmado. Um universo masculino singular. As vendas estão lá registrando tudo, o dia-a-dia da vida. Guardiãs da nossa memória.

E assim era Decão. Veio do Jequitinhonha e se aportou, no Vale do Mucuri. Fez de tudo um pouco na vida, um pouco de vaqueiro também, mas por aqui um exímio pedreiro, um mestre de obras. Mestre Deca. Construiu muitas casas na região, no seu estilo: grande varanda, caibrada, madeira e adobe. Com tanta estória se alçou ao posto de vendeiro. Se estabeleceu nas cabeceiras do Córrego do 26, uma dos poucos pontos de comércio na estrada que ia da linha da Bahiaminas, na beira do Todos os Santos, no sentido da Colônia. Por ali passavam várias boiadas para embarque no entroncamento do Pena e seguir estrada do Boi, pra cima ou pra baixo, frigoríficos de Carlos Chagas, Nanuque, Teófilo Otoni... Muitas comitivas de vaqueiros, condutores de gado paravam por ali, na ida ou na vinda pra esquentar a goela, jogar truço e conversa fiada: Lidão, Seu Valdomiro, Zé de Salú...

Seu Deca era famoso pela batida da botina do soalho da varanda, acompanhando as guarânicas e mazurcas de Mario Zan, a cana-verde de Tonico e Tinoco, o baião de Luis Gonzaga... páa pá pá!. De sua predileção “Linda Cigana”, de Silveira e Silveirinha, um galope em homenagem aos ciganos, “... Mas só esse coração/Pra ninguém posso vender...”. Falar dele e não falar de seus cachorros, não tem graça. Tinha Navegante, grande e amarelado, para acompanhar na montaria em Bico Branco e um outro: branco e manchado de preto, um vira-latas pé duro de nome Surdo. Sim, não ouvia, mas sentia quando o pé do seu dono batia no chão. Ficava ali na beira da porta da venda, quieto, não incomodava e não se incomodava. Beira de venda é lugar de umas rusgas, poucas, mas tem. O freguês fica rico, poderoso e valente de um gole para outro. Hora de esparramar diferenças. Páh!!! A botina de couro de Decão pocava no chão. Surdo rosnava, latia e partia pra cima da canela do primeiro a sua frente. A zoeira se esvaía e virava festa. Uma aula para estas chatices modernas de atendimento ao cliente. Ele mesmo não era lá de ficar arreganhando muito os dentes à toa, como se dizia por ali.

A freguesia regular era das proximidades mesmo, ia lá fazer seu fornecimento, mas também ouvir as opiniões e previsões do sábio e bonachão vendeiro. Assuntos locais, municipais, nacionais e até mesmos internacionais, que corriam na boca do povo e as que

chegavam pelo rádio... “Olha, sabe este menino falando aí? Este menino ainda vai virar presidente”.



APRESENTAMOS O POEMA

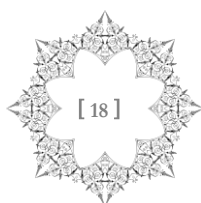
A CRIANÇA, A VIDA E A MORTE

Por Fábio Carmagnani Sandes

"Cristão e melancólico em tempo integral, advogado nas horas vagas, e um escritor amador em momentos de devaneios. Paulistano de nascença, mas com coração campo-grandense onde cresci na infância e adolescência. Hoje vivo, sobrevivo e trabalho na Paulicéia Desvairada, com muito esforço existencial, e certa nostalgia de alguma calmaria de Campo Grande. Sobre bons e raros momentos de alegria nesta vida, dedico minha vida a servir a Deus aos trancos e barrancos, e, de uns tempos para cá, tenho me arriscado a escrever mais, ou melhor, estive desabafando mais em versos."



Era um dia de sol e bastante calado,
num quintal se via um menino moroso,
um grilo inocente andava ao lado
da parede, o garoto curioso
logo atrás, e um pássaro alado
voava por perto. O inseto medroso
pulou. "Me deixe em paz amado".
o menino admirou o salto decoroso,
a ave era um bem-te-vi, que famigerado
garfou o inseto no ar. Tempo caloroso,
dava pra ver a luz no ventre amarelado,
cenário horroroso ou maravilhoso?
que momento incrível, observava, encantado.
foi-se o menino atrás de outro inseto azarado.



APRESENTAMOS O POEMA

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE DOIS SORRISOS

Por Fábio Carmagnani Sandes

"Cristão e melancólico em tempo integral, advogado nas horas vagas, e um escritor amador em momentos de devaneios. Paulistano de nascença, mas com coração campo-grandense onde cresci na infância e adolescência. Hoje vivo, sobrevivo e trabalho na Paulicéia Desvairada, com muito esforço existencial, e certa nostalgia de alguma calmaria de Campo Grande. Sobre bons e raros momentos de alegria nesta vida, dedico minha vida a servir a Deus aos trancos e barrancos, e, de uns tempos para cá, tenho me arriscado a escrever mais, ou melhor, estive desabafando mais em versos."



Entre a selva de pedra e a cidade morena,
raízes diversas se criaram,
dois infantos de dar pena.
Ah, como eles pastaram.
Mas também brincaram.

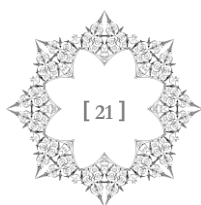
No bairro das flores eles viviam,
futebol com a molecada da rua,
betz, suco, resenha. Não viam
o tempo passar. De noite a lua
encantava, céu aberto, se riam.
Cadeira pra fora, parecia que jamais morreriam.

Piscina, brinquedos, bola, mangueira,
pique e pega, a imaginação a florava,
corriam, pulavam, gritaria, gastavam as estribeira,
amigos da rua, primos, eles amava,
calor latente, a gurizada se gastava.

Grilo, perereca, cobra cega, besouro,
o menor gostava de provocar,
momentos que valia ouro,
morcego Wendel, muito pra se amar,
pai matou o Wendel. Só sobrou chorar.

Água de côco no parque, bastante
capivara, natureza presente, uma paz
com validade se vivia. Um instante,
cresceriam e jamais notariam que jaz
a ingenuidade e o sorriso genuíno latente.
Dias de luta, dias de glória, passaram rente.

Senhor abençoou, saúde faltou,
mil parentes, encontros ficariam
pelo caminho. A maturidade chegou
acompanhada de nuvens que batalhariam
pelo sorriso dos pequenos. Calhou
de crescerem vivos, pais e Deus queriam
o melhor. Mas o que restou?
Vivências? Morte? Na memória, aquela alegria ficou.



APRESENTAMOS O POEMA

NÃO CHORE POR MIM

Por Fábio Carmagnani Sandes

"Cristão e melancólico em tempo integral, advogado nas horas vagas, e um escritor amador em momentos de devaneios. Paulistano de nascença, mas com coração campo-grandense onde cresci na infância e adolescência. Hoje vivo, sobrevivo e trabalho na Paulicéia Desvairada, com muito esforço existencial, e certa nostalgia de alguma calmaria de Campo Grande. Sobre bons e raros momentos de alegria nesta vida, dedico minha vida a servir a Deus aos trancos e barrancos, e, de uns tempos para cá, tenho me arriscado a escrever mais, ou melhor, estive desabafando mais em versos."



Há alguns instantes atrás,
Uma pequena criança cirandava
Ao norte da cidade, apesar de más
Agruras era amada e amava,
Especialmente os cabeça branca
Da família. Amava tanto de chorar.
Tão pequena, mas já chorava
Sobre coisas de gente grande. Amar
Demais era seu martírio. Observava
A morte à espreita. Danada!
Deixe meu avô em paz!
Se ele se for, o que nos resta? Nada.
Vovô era macaco velho, foi rapaz
De muitas aventuras e contador
De muitas histórias. Cada uma
Valia uma boa tragada no cigarro.
Vô tinha só o cheiro do fumacê.
Se precisar eu o amarro,
Já arquitetava a pequena.
Vovô puxa o infante de lado.
Vem aqui minha neta, tenha pena.
Ouça este conto, que um bocado
De lágrimas não lhe cairão mais.
Veja. Lá no céu, não este céu
Da Paulicéia Desvairada. Capaz!
Além! Anjos que não estão ao léu,
Vivem, cantam, e cada um segura
Uma lamparina. E cada lance de luz
Representa uma alma na Terra. Que loucura

Vovô. Minha querida neta, faça jus
A sua tristeza e lhe cerre às lágrimas que caem
Sem cessar. Diga ao nosso Deus para que fales
Lá com seus anjos, para alimentarem
Com o melhor óleo celestial a minha lamparina,
E assim, a morte se espanta, correm os males,
Pois sua prece vale ouro, coisa fina.
Prece de neta amorosa é forte.
Não que muita vida me importe,
Mas de amor de neta, tenho sorte.



APRESENTAMOS O POEMA

RELATOS DE UMA INFÂNCIA!

Por Fernanda Gama

Mestranda no programa ProfETP/2022, formada em pedagogia pela FAETERJ em 2017. Professora do ensino fundamental I, da Rede Municipal de Bom Jesus de Itabapoana-RJ, casada e mãe de 3 filhos.



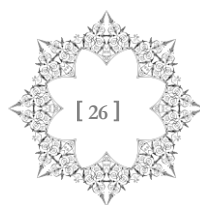
Árvores, pássaros, uma estradinha infinita
Pelos minhas lindas lembranças
Minha infância na roça
Minha mente é um computador
Onde está tudo perfeitamente registrado.

Daqueles anos incríveis
Que vivi com meus irmãos
Daquela casinha simples
Quase no meio do nada
Abrigando uma família simples
De um enorme coração.

Anos de ouros foram aqueles
Vividos entre árvores, pássaros, bois e cavalos
A casinha improvisada na árvore
Como era legal a escalada, sem nenhum degrau
Aquele pé de jamelão, fazia nossa alegria.

Que saudade do escorregar no pasto, usando casca do coqueiro
Do andar a charrete, da minha cachorrinha malhada
Da ida para escola, pela estrada de terra
Da chuva que molhava a terra e germinava a semente
Do cheiro das flores dos cafezais, das laranjeiras...

Da roça não há apenas saudades
Mas uma resistência, vontade e superação
Lembranças que transpassa o coração.



APRESENTAMOS O POEMA

SONETO DA ROÇA

Por Henrique Cananosque Neto

Nascido em Lins em 1980, formou-se em Letras em 2001. Também estudou música e psicologia. Com especializações na área de gestão, educação e música; cursa mestrado em Docência para a Educação Básica na Unesp de Bauru. Trabalha como professor no CEEJA de Lins e na Etec de Cafelândia. É músico na equipe Querigma da Paróquia São Judas Tadeu de Lins e na Banda Benedito Marinho de Lins. Participa de Antologias Literárias desde 2008.



Vou cavalgar à vontade
Sem me importar com tardança
Sentar no chão, subir na árvore
Como se ainda fosse criança

Às vezes desejo é um só
Alimentar esperança
Eu não recuso convite pro forró
À noite inteira a gente dança

No forno à lenha há comida
E a gentarada se alvoroça
Oooo, coisa boa nessa vida!

Vem passear na minha carroça!
Depois do cansaço da lida
Namorar no mato da roça



APRESENTAMOS O POEMA

COMPOTA

Por Márcio Daniel Nicodemos Ramos

É Engenheiro de Bioprocessos, formado pela Unifei e mestrando em Engenharia Química pela Ufscar. O jovem de 23 anos é poeta e trovador, aventurando-se pela prosa. Venceu concursos de poesia, haikai e conto. Ocupou a cadeira 16 na Academia Juvenil de Letras de Itajubá e hoje é imortal da Academia Itajubense de Letras (AIL) ocupando a cátedra de número 9. Foi congratulado com 3 Moção emitidas pela Câmara municipal de Itajubá e pelos Conselhos Superiores da Unifei por seu notável destaque literário. Atualmente, é diretor do Departamento Infantojuvenil da AIL.



A doce compota mineira
feita de leite mimoso
foi comprada na feira
de um velho senhor carinhoso.

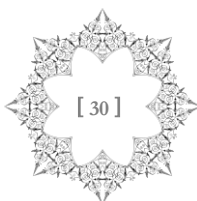
O homem com cara sofrida
mora na roça distante.
Trabalha muito na lida,
mas não entristece o semblante.

Ele acorda bem cedo
no som do galo empinado.
Não cultiva o medo.
Tem olhar aguçado.

Cultiva seu curto torrão,
cuida do pequeno rebanho.
Mostra que viver é bom
mesmo com pouquíssimo ganho.

Exemplo de homem do bem
que ganha o sustento penoso.
Molde que qualquer alguém
tem como sol luminoso.

No pote de doce caseiro
existe uma história fecunda.
Mostra que nenhum dinheiro
faz a vida profunda.



APRESENTAMOS O CONTO

IPÊ AMARELO!

Por Mestre das letras

Nari Hugem, nascido em 05/09/1976 no município de Rancho Queimado/SC, filho de lavradores, residente no município de São José/SC, sempre estudou no município de Angelina/SC, tem o segundo grau completo, casado e tem um filho, mestre de obras. Tem publicado o livro o Íntimo de uma Solidão pela editora Baraúna e Crônicas de um Sorriso pela editora Illuminare. Vem participando de concursos e antologias: Livro Mulher - Editora do Carmo; Antologia Uma Poesia para cada Noite - Editora Lura; Livro Florilégio do Brasil - Editora Pindorama; Antologia de contos - Editora Tenha Livros; Livro Cartas para 2022 - Editora Arte Cultural; Poesia livre 2022 - Vivara Editora Nacional. Antologia Internamente outono - Editorial independentebr. Conto QUERIDA SOFHI - Editora Outra Margem. Está no facebook como nari hugem e na página de Poesias em www.facebook.com/hugennari Instagraman @hugennari.escritor. Whatsapp (48) 98447-1991



Não são as nuvens que, diretamente responsáveis pelo imaginário de Heitor que vivia o dia nos seus respectivos prospectos divididos, mergulhado em transe no mundo da fantasia do que em matéria sólida com os pés no chão... Digo até que a força gravitacional não exercia força sobre seu corpo... Tem o peso do pensamento.

Pensamento esse que ocorria com lapsos vislumbres e que tornavam qualquer hora do dia num crepúsculo ou uma tênue penumbra de loucura. Para Heitor junto com que está a realizar se entrega com ímpeto, pela razão e expõe uma paralela proporção por onde constrói um mundo de fantasia além do que pode alcançar. Pega carona ao mundo imaginário de seu fértil psíquico não analisado, e nem memorado como normal.

Na infância Heitor sempre se deitava na grama em frente ao ipê amarelo, que ornava a fazenda, e ao uso de uma das raízes salientes como travesseiro, deitado no abraço com o ócio, ora esquecido da leitura do seu livro nas mãos, olhando para as nuvens a vagar aos impulsos do vento. Estático e entregue para nutrir a alma, a percorrer pela percepção do que a natureza escreve com cada som ou silêncio, cor ou cheiros respectivos da áurea da terra, ou os espaços dos corpos celestes inalcançáveis com as próprias eloquências.

De repente esquece-se de tudo e o olhar verdejante fixo a aeronave que risca o céu, deixando para trás, um traço branco, caído, com espessos de plumas. Ao ritmo do som do seu coração, a contar o tempo e admirar o espaço percorrido pelo avião, na tentativa de adivinhar a distância do percurso de uma ponta do céu ao outro, contemplativo pelo horizonte que se estende desde a cauda da expectativa, a ponta do nariz do motivo de bisbilhotar as obras da natureza.

Em sua vontade, sempre a dilacerar entre o abismo do orgulho, lisonjeado com as palmas do vento a farfalhar entre as folhas do livro. O monótono de tudo acaba sempre

na euforia de estar, e curtir o final de tarde a sombra desvairada, que eloquente quebra o silêncio e a concentração de Heitor.

Hoje, a percepção de vinte e três anos depois de ter saído da fazenda, diante a porteira volta a migrar para uma viagem a infância, onde cheiros, gostos ficaram na saudade e nas lembranças. O degustar de uma pera, caqui, laranja, a comida feita no fogão a lenha tudo se fez história, e agora são lembranças a mercê de ocupar os pensamentos. O ipê amarelo, seu cúmplice que ouvia até os seus silêncios, quão seus sentimentos, a saudade rasga a alma com lembranças a encher os olhos de lágrimas.

Bem de frente a porteira fechada,

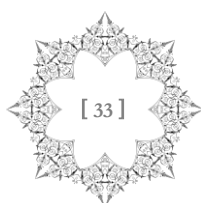
Que antes, sem tranca de livre passagem

Em frente ao paiol de telha côncava

Somente um toco, o que sobrou do ipê amarelo

É tomado da saudade que rasga a alma

Do tempo, do ócio e da liberdade!



APRESENTAMOS O POEMA

NASCIMENTO LÁ NA ROÇA

Por Ianarema Coutinho Oliveira

Casada, mãe de três filhos. Estudou pedagogia e se formou aos cinquenta anos. Ama ler, escrever e criar histórias, poemas e poesias. Baiana de nascença, mas criada em São Paulo - SP. Sonha em ser reconhecida como escritora.



Era um dia de sol quente, tão quente que atrapalhava até a mente

Todos três, trepados na porteira

O horário, eu não sei, mas sei que era, na fazenda Laranjeira.

Três irmãozinhos

Ansiosos com a chegada da mais nova herdeira

Foi um entra e sai de gente e por último, a parteira.

Que às pressas, foi correndo alguém buscar

No meio da correria e de toda agonia

Surge risonha, a benzedeira

Veio para abençoar e ajoelhou-se a rezar, pedindo à Nossa Senhora, pela mãe, o bebê e a parteira.

Lá no céu bem azul repleto de nuvens iguaizinhas ao algodão, voavam muitos pássaros, Andorinhas, canarinhos e sabiás

Cardeais, borboletas e urubus

Cá embaixo, no chão seco e duro, os três irmãos avistaram juntos, um tatu.

Nem foi um grande acontecimento, mas se fosse em outros tempos, o pobre não teria paz

Certamente os três pequenos e muitos outros, logo enfincariam o pé, atrás.

A caçula chacoalhava sem parar

Fazia a parteira toda se balançar.

A do meio reclamava e para a pequena então falava:

-Fica quieta menina!

Desse jeito, não veremos a cegonha chegar.

O mais velho cutucou as outras duas e de repente, começou a gritar

Olhem, vejam, lá em cima, bem lá no alto

Uma cegonha vem vindo

As duas irmãs silenciaram

E agora estavam sorrindo.

Não dava para ver direito, mas o irmão dizia

Que uma trouxinha bem pequenininha, no bico da cegonha, havia

Fixaram bem os olhos nas asas abertas no ar, mas nada de cegonha se aproximando, o que ouviram foi alguém gritando

Nasceu! Nasceu!

Foi então, que foram assimilando

A danada da cegonha, os enganara direitinho!

Colocou lá no alto do céu, para lhes tirar a atenção, um outro passarinho

Deu a volta por outro lado e veio como um foguete pelo telhado.

Repousou bem de mansinho, o bebê lá no ninho

Assim explicou o mais velho, às duas mais novinhas

Frustrados, mas felizes, todos desceram da porteira.

E na desabalada carreira, em direção à sala do entra e sai, encontraram ali

Feliz e agoniado, o bom e velho pai.

A porta abriu-se depois de infinitos minutos

Saiu de lá, a tida, enfermeira.

Trazendo nos braços algo bem embrulhadinho, parecendo um charutinho.

Foi tanta a alegria dos quatro

Que o pai com o bebê no colo, correu depressa para o quarto.

Mamãe ali estava, em sua cama aninhada, mas era evidente, estava bastante cansada.

Depois da confusão e de tanta expectativa, tudo voltou ao normal

A vida seguia seu rumo como antes sempre fora, tranquila e natural.

Os três brincavam no quintal, um fazia boi de barro, outro arrancava limão do pé e outro subia nas árvores

Papai estava no pasto, tangendo gado

Mamãe, no seu resguardo amamentando o bebezinho, bem de mansinho, que não saia do seu lado.

Assim, seguia a rotina da vida de quem nascia lá na roça

Nunca se via a cegonha, ela sempre conseguia entrar e sair sem ser vista

Nada, nenhuma pista

As porteiras já estavam acostumadas à vez ou outra, de meninos, ficarem apinhadas

Elas bem já sabiam que esse apinhamento, sempre dava em nada

As cegonhas são espertas, muito espertas.



APRESENTAMOS O CONTO

PASSARINHAR

Por Ronilson Lopes

Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. É Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Atualmente está publicando o livro *Onça para sempre*, pela editora Círculo Soturnos.



Todo menino que nasce ou mora na roça costuma querer muito matar passarinhos. Comigo não foi diferente. Adorava pegar o mocó e enchê-lo de pedras mais ou menos redondas e, de baladeira na mão, passarinhar.

Olhos e ouvidos atentos aos barulhos, cantos, pulos e bater de asas. E quando avistava, mirava bem e lançava com toda força, com jeito, com esperança de acertar, correr para apanhar e mostrar pra todo mundo. Porém, meu Deus! O dia era sempre do passarinho.

E lidar com as sorte dos saltitantes não era muito fácil, preferia o meu dia, a minha sorte, no entanto essa hora não chegava. Meus irmãos eram muito bons, muito bons de pedradas, por isso, além dos elogios, sempre tinham estilingues novos, não só para matar passarinhos, mas também para espantá-los das lavouras, ação que eu também fazia.

Por isso meus irmãos sempre tinham muitas histórias para contar de suas caçadas: “Eu matei cinco juritis ontem”, exclamava o irmão Bernardo. “E eu derrubei dois sabiás com uma só pedrada”, dizia Julimar. E João por sua vez falava: “Eu abati um papagaio do galho mais alto de um angico apenas com um bodoque!”.

Quanto a mim, meio encolhido, me sentia na obrigação de contar alguma coisa. Eu? Bom, eu acertei uma fiandeira, mas... Mas ela não caiu. De fato tinha acertado mesmo e ela veio caindo e eu fiquei parado com toda expectativa, todavia quando ela estava pertinho do chão tornou a voar. Droga!

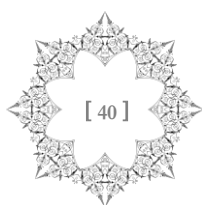
O melhor de se matar passarinhos era comê-los! Fritos, assados ou sapecados! Ainda mais porque o açougue ficava distante, na cidade, nem sempre dava para ir lá. E matando passarinhos economizávamos, além do dinheiro, as galinhas e os porcos, apesar de que, naquela época, eu não sabia disso, via apenas o prazer de caçá-los.

Certo dia saí para passarinhar com meu irmão João dentro de umas quintas ao redor da casa. Era uma tarde bonita e ensolarada, porém não tivemos muita sorte para encontrar nenhum bicho de penas, mas, ao invés disso, uma grande casa de marimbondos. Exatamente! Marimbondos-tatu.

Uma pedrada, duas... Um rombo! Marimbondos voando por todos os lados, enraivecidos, começam a dar voltas sobre nossas cabeças, enroscando em nossos cabelos, e, de repente, João pára, envermelha-se, e faz sinal para correremos.

Insisti, “vou vingar-te, meu irmão!”, acertando mais uma pedrada na casa dos malvados, e neste mesmo instante um deles veio e esporou-me no olho direito. No fim da tarde lá estávamos cada qual com o olho mais inchado, para não zombarmos um do outro, mas nossa mãe aproveitou. Pelo menos tínhamos uma história para contar.

Quanto a matar passarinhos mesmo, nada! A melhor definição que lhes dou é seca mocó, visto que eu secava um bernal inteiro de pedras neles e não acertava em nenhum. Para remediar aprendi a armar arapucas.



APRESENTAMOS O CONTO

VAI VER QUEM VEM

Por Ronilson Lopes

Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. É Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Atualmente está publicando o livro *Onça para sempre*, pela editora Círculo Soturnos.



Quando era pequeno, eu me lembro quase tudinho do que se passava. Falar de infância é falar da fazenda Grotão lá nas bandas do Maranhão, o que gosto muito porque é como doar uma parte de mim. Quiçá a mais feliz?

Cresci sendo o companheiro de minha irmã mais nova por parte das mulheres, todos os outros, todos os tantos iam para a roça logo cedo. Sendo que às cinco da manhã iam dois dos meus irmãos, como se diz, encostados em mim em idade, eram os tangedores de periquitos (pragas devoradoras de arroz), e às seis, os demais.

Eu costumava ficar em prantos, imaginando que a roça deveria ser um lugar fantástico. Porém, meu pai dizia: você é muito pequeno ainda, e além do mais tem de ficar acompanhando sua irmã.

Ela vivia no mundo das canções e novelas de rádio. De vez em quando a comida queimava, ela ficava aflita e sempre punha a culpa em mim, porque segundo ela eu deveria ter posto a água no feijão. Como se eu não tivesse um mundo de imaginação para cuidar, dá para acreditar?!

Nós vivíamos numa palhoça humilde, um pouco recuada, a uns quinhentos metros da casa da fazenda, onde o patrão passava as férias, e às vezes meu pai colocava os peões para arrancharem na parte externa, o que era só de tempos em tempos.

Ao lado da casa grande ficava o curral de gado e, à frente, o pátio de mais ou menos mil metros de comprimento e uns duzentos de largura, isso eu fazendo um cálculo hoje, porque naquele tempo aquela distância parecia enorme.

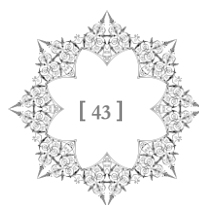
Veza por outra minha irmã dizia: vai olhar quem vem! Eu gostava de olhar quem vinha. Para isso corria no carreirinho fundo, de tanto ser trilhado, que passava por trás dos currais até a casa grande, e observava de cima da cancela do pátio da casa, uma outra cancela ao longe, e para além dela uma volta da ladeira de pedra solta.

Depois voltava correndo adoidado, para avisar se tinha avistado algum vulto, quando vinha. Na pressa nem dava para mirar quem era, o que minha irmã logo interrogava: quem é? Não sei. Pois vai olhar de novo, seu besta!

Às vezes, quando não vinha ninguém, ela me pedia para ir novamente para olhar direito, não sei para quê, imaginava. Por vezes obedecia para ganhar algo, ou simplesmente pela promessa, ou para não ser castigado.

Nesses momentos de ausência, ela aprontava certas coisas, um tanto curiosas. Algumas delas eu descobria, e penava amargamente. Como o dia que encontrei um ovo sendo cozido dentro da panela de feijão, o que ela retrucou que a galinha havia botado lá. Isso não foi problema, o problema é que eu contava para minha mãe, depois era castigo na certa.

Mas o duro foi o dia em que eu encontrei uma caixa cheia de bananas secas ao sol, comi-as quase todas, depois fui chamar minha doce e querida irmã para compartilhar o achado. Não sabia eu que era da fera! O resto nem precisa dizer. Ainda bem que a cancela tinha suas belezas.



APRESENTAMOS O CONTO

VAQUEIROS

Por Ronilson Lopes

Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. É Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Atualmente está publicando o livro *Onça para sempre*, pela editora Círculo Soturnos.



Booooi! Reece boooi! Fasta pra lá, vaca velha! Vai, vai, vai, roooi! É assim que se toca boiada, estralando a pinhola, tocando a berrante e segurando as rédeas do cavalo adoidado com a fustigação das esporas.

Eu, menino, corria para olhar pelas brechas de entre os moirões da cerca do curral, para ver meu pai e meus irmãos chegarem com o gado, que apontava ao longe, na curva da estrada. Ligeiro vinham descendo a ladeira, entrando na manga, no corre-corre até conseguirem fazer os animais entrarem no curral de madeira.

Imaginava, como deveria de ser bom tornar-se boiadeiro, viajar o mundo, galopando num cavalo baio pelas caatingas, como fazem os vaqueiros campeando o gado, ouvindo o barulho do tilintar dos chocalhos, o som dos mugidos que ecoam na mata de angicais, seguindo os rastros deixados na poeira das trilhas da barraria na seca do verão ou na lama do inverno.

Encostando na casa dos vizinhos, compadres e comadres, indagando sobre o paradeiro dos bichos e aproveitando para prosear sobre muitas coisas que fazem parte de suas vidas, do mundo, da imaginação, de rezas, de superstições de visagens...

— Meu cumpade, eu vou tirar três sortes (crias) esse ano.

— Hum, e é cumpade?

— Se Deus quiser, cumpade. É por isso que eu tenho que encontrar as vacas amojadas (no mês de parir) que é pra mode elas num pari no mato.

— Oia, istordeinha cumpade elas tava aqui dentro de minhas capoeiras, mais eu pus pra fora. O cumpade num vai demorar topar com os rastros delas.

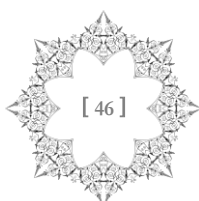
— Entosse, cumpade, é bom eu me avexar .

— Nada, cumpade, apea do cavalo, vamo arranchar, tomar um café que a muié tá passando agorinha, agorinha e fazendo um beiju.

— Entoce vou parar um cadinho só pra mode num fazer disfeita, diz o ditado que se a gente num aceita os cumpadres ficam suvina!

Quando o gado chegava os vaqueiros tinham uma grande luta para separar umas das outras, as paridas das solteiras, as amojadas, os bezerros para apartar das vacas paridas para deixarem de mamar e prender nas quintas.

Mas, nós meninos, vaqueirinhos de imaginação, brincávamos de cavalos de pau debaixo das sombras verdejantes das velhas mangueiras, imitando os compadres conversando, ou os peões laçando as reses, nessa brincadeira a gente esquecia de crescer, a gente já era meio que como gente grande, que não tinha tempo pra ser infeliz.



APRESENTAMOS O POEMA

SIMPLICIDADE

Por Wanda Rop

Paulista, residente em Porto Velho-RO, Formação Curso Superior de Filosofia, Major PMRO, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"



Acordamos de madrugada e admiramos o céu infinito

Na roça o nascer sol parece mais bonito

O trabalho pesado começa bem cedo

Criançada pula e corre, nem pensa em brinquedo

Mamãe, no milharal, colhe belas espigas

Mingau de milho e bolo cremoso

Delícias preparadas com um jeitinho carinhoso

Cafezinho gostoso e família reunida

Papai vai para o trabalho a cantarolar

Cuida dos animais, da horta e do pomar

Prepara o arado e cuida da plantação

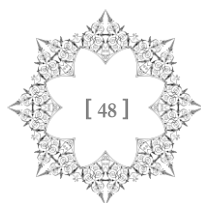
Não lhe falta carinho do coração

Na roça tem banho de rio e fruta fresquinha

Belezas naturais e leite direto da vaquinha

Pisar e sentir a terra envolvendo os pés

À noite dormir na rede é tudo que se quer



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE:
CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE:

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA:

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

SIGA A PÁGINA:

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

CONTATO: ELENIR@CRANIK.COM

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:
CLIQUE AQUI**

